

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS ORIGENS DO ROMÂNICO EM PORTUGAL. SUA EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO NACIONAL.

PINA, Luís de

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

PINA, Luís de, As Origens do românico em Portugal. Sua evolução e significado nacional. *Revista de Guimarães*, 37 (1) Jan.-Mar. 1927, p. 68-73.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As origens do românico em Portugal

Sua evolução e significado nacional

Sobre a conferência realizada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Reinaldo dos Santos, na noite de 29 de Janeiro, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, transcrevemos, com a devida vénia, da primorosa publicação do Pôrto, «Ilustração Moderna» (n.º 11 — Março de 1927), as suas impressões.

Ao já muito longo rol das boas conferências que a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, levou a efeito nestes derradeiros anos, veio agora juntar-se a do grande crítico de Arte Dr. Reinaldo dos Santos, que é também, todos o sabem, um ilustre médico. Tendo chamado ao seu amplo salão — no qual pôs a sua arte de decorador galante o pintor vimaranense Abel Cardoso — intelectuais como Gomes Teixeira, Mendes Correia, Trindade Coelho, Magalhães Lima, Antero de Figueiredo, António Sérgio, Rui Chianca e outros, houve por bem a Direcção da Sociedade lembrar-se do talento do Dr. Reinaldo dos Santos, que tam alevantadamente discute um material e positivo facto da sua clínica, como o mais espiritual e transcendente caso de genuína Arte! E em boa hora êle abalou de Lisboa — a-pesar-do rigor do tempo, chuveirento e frio, aturando estóica e beneditinamente a *planura ideal* das nossas estradas, que os pneus dum auto bamboleante deixam marcadas profundamente nos rins de quem as jornadaeia! Em boa hora, disse, porque a essa distante terra provinciana foi levar o brilho da sua iluminada crítica, em conferência que, além de admirável palestra, foi um ensinamento e uma surpresa; tocando-nos profundamente o espírito com a firmeza das suas asserções e a graça do seu

ineditismo, a sua palestra foi uma vigorosa crítica das origens e evolução do estilo românico e um lógico modo de compreender o seu significado nacional.

«A nossa concepção da História da Arte não é apenas a de uma erudita exegese documental, rigorosa cronologia dos monumentos, destrição das influências estranhas ou morfologia comparada dos estilos; é, sobretudo, — *compreensão através das formas, da essência e do espírito que exprimem*. A Arte é uma linguagem plástica e a Architectura talvez a mais profunda expressão do sentimento colectivo. Como devemos ler o românico em Portugal, através das suas origens, evolução, características e influências?» — assim disse o orador, como intróito; e com esta legenda, abriu êle a sua noite feliz, indicando nessas palavras o motivo da sua conferência; e desta, sucinta mas fielmente, aqui deixo as nótulas pedidas.

Começa por lembrar — dever a que não pode fugir, já que do românico tratará — três nomes que merecem justíssima menção: Joaquim de Vasconcelos, Manuel Monteiro e Marques Abreu. Lembra o do primeiro, porque é o verdadeiro renovador da História da Arte em Portugal e a quem o românico muito deve; o do segundo porque é, além de um sabedor estudioso de Arte, o autor da monografia sobre S. Pedro de Rates, cujo prólogo é a mais bela síntese da história do românico entre nós; e o de Marques Abreu, Artista-fotógrafo e Mestre-gravador, sempre pressuroso em ajudar os que trabalham, com o seu patriótico esforço de editor honesto e inteligente.

Isto dito, e tendo roçado levemente a ligação que há entre o evolucionar duma linguagem e o de um estilo architectónico, — comparando, por exemplo, a arte e as línguas românicas à arte e às línguas latinas ou romanas, — passou o conferente a examinar os diversos estilos e as variadas formas que arribaram a Portugal; dentre êsses estilos, houve-os que nunca se adaptaram aqui; outros, como o Renascimento, bem que se aclimatassem, sofreram transformações mais ou menos profundas.

O românico em Portugal, é, indiscutivelmente, de importação estrangeira; mas no nosso país há

algumas construções pre-românicas, construções essas de ressaibos visigóticos, bisantinos ou ainda mosárabes, tais como as igrejas de Lourosa (século X), de Balsemão e de S. Frutuoso.

A estas relíquias junta o Dr. Reinaldo dos Santos, pela primeira vez, a igreja de Santo Amaro (Beja), século VII (?), que é um reflexo visigótico. Os seus capitéis, v. g., são visigóticos e bisantinos. Mas, deve dizer-se, essa arte pre-românica não preparou a entrada do românico em Portugal. Este estilo é de origem francesa e revela bem, apesar de tudo, essa mesma influência. Foi a abadia de Cluny o berço do românico e dêsse sábio mosteiro se derramou pela Europa, levando-o até longe a arte dos seus monges; e, assim, passou as fronteiras gaulesas, atravessou os Pireneus e constituiu-se na Península Ibérica; lá estão, em Espanha as magníficas igrejas de S. Tiago de Compostela, Santo Isidro e outras, e em Portugal as que, em breve, se relatarão. Mas, introduzido em Portugal, o românico sofreu várias transformações, *modificando-se a ponto de apresentar uma feição caracteristicamente nacional*. As vias de penetração do românico em Portugal foram várias, sendo de valor as peregrinações a S. Tiago de Compostela, pois estabeleceram íntimas relações entre a França e a Península e para as quais muito contribuíram Cluny e a Borgonha; mas a par das peregrinações a S. Tiago deve atender-se à influência dos prelados que vieram para aqui, uns oriundos de França, outros naturais dêste país, mas que lá tinham estado ou vivido (nos inúmeros conventos filiados em Cluny); dessas manifestações de fé fizeram naturalmente parte alguns artistas franceses, que foram outros tantos transportes da arte do seu país; e deve ainda observar-se a influência da Ordem de Cister que aqui representou um especial papel; alguns dos seus conventos tiveram um estilo próprio, como Tarouca e Salzedas; o românico dêsses mosteiros tem carácter próprio, diferente dos outros; são de feição borgonhesa, cisterciense. Foi êste conjunto de factos que determinou a entrada do românico na Península; e, como se vê, o valor das ordens monásticas é capital. A influência da Espanha, no nosso país, é porém, por vezes, indirecta.

Passando à classificação do românico em Portugal, e, à parte, certos monumentos especiais, o conferente insiste sobretudo em três grupos distintos: — O primeiro, de que *Braga* é o centro; a Sé dessa velha cidade é o primeiro monumento importante em Portugal e que grande influência exerceu em posteriores edificações. O segundo grupo — *Coimbra* — é do tipo auvergnês; este tipo veio para Portugal, mas já puro, apresentando particulares aspectos e alastrando-se para o sul do país (Lisboa, Évora, etc.). E por último um terceiro grupo, de origem *cisterciense*, a que pertencem S. João de Tarouca e Salzedas.

E apresentando vários exemplos, como justificação destes grupos, passa o conferente a examinar a forma das construções românicas. As grandes catedrais do século XII são as que melhor reproduzem o tipo francês. As igrejas de Entre-Douro-e-Minho, já menores, são construídas por artistas nacionais. O tipo auvergnês, por exemplo, perdeu logo muitas das suas características, entre as quais a das proporções. Nas igrejas francesas a construção eleva-se, as partes componentes tendem a subir e a equilibrar-se (Clermont-Ferrand, St. Saturnin, Puy, Angoulême...) enquanto nas portuguesas a feição é pesada, atarracada mesmo; o deambulatório, em Portugal, é ausente. Pode dar-se o início do século XIII como o do máximo desenvolvimento do românico em Portugal.

A pedra das construções francesas é geralmente desigual na côr, dando a sua policromia uma especial feição ao seu exterior, geométrica, como que de mosaico, o que não acontece em Portugal. A arquitectura das nossas típicas e pequenas igrejas românicas é de característica portuguesa. A espanhola tem, realmente, afinidades com a nossa; mas a influência da Galiza teve aqui simplesmente uma regional repercussão, tendo-se tornado, por assimilação, própria da nossa terra. As grandes catedrais portuguesas, como disse, são francesas, construídas por artistas franceses, e deve fazer-se distinção entre elas e as pequenas igrejas, pois estas são de artistas nacionais. Um carácter que distingue a arquitectura francesa da portuguesa é o da decoração; aquela foi de uma riqueza figurativa notável, como

se verifica nos tímpanos, pórticos, capitéis, etc., das igrejas de Autun, Moissac e Vezelay, por exemplo. Pode dizer-se que a escultura medieval francesa nasceu com a arte românica; a sua escultura, bem que inspirada nas iluminuras dos manuscritos, querendo ter forma e movimento, esforça-se para isso, mas é uma transposição; anteriormente à França, já a Espanha, na sua escultura (Oviedo, Compostela, Avila, Silos...) realiza formas de naturalismo e expressão que a própria França só mais tarde atingiu. Mas já o mesmo não aconteceu em Portugal, que não é, propriamente, um país de escultores, ainda que os haja e tenha havido grandes. O sentimento português é pictural e arquitectural, pouco propenso à escultura; e essa, quando característica, é sobretudo decorativa. Essa maneira de arte vê-se até no gótico e em outros estilos. Outro sinal importante do nosso românico é a sua sobriedade; não pobreza, pois não se chama pobre a um povo que, na ourivesaria, tam valiosas e ricas obras produziu; todavia, no românico fomos sóbrios e calmos, vendo-se esta qualidade nos seus pórticos que, sendo simples, não deixam de ser belos e de gosto, até com uma profunda expressividade artística.

Agora, o Dr. Reinaldo dos Santos atinge o ponto mais curioso da sua crítica, que é o *significado nacional do românico*. E então diz que, se os primeiros elementos vieram do estrangeiro, outros elementos foram desprezados ou exagerados (v. g. a grande decoração dos pórticos, abandonando-se a escultura figurativa), obtendo-se assim algumas características nacionais. ; Mas estas minhas palavras não são reflexo de exagêro nacionalista, nem de mera apologia! — afirma o ilustre crítico. Nas repercussões do românico vemos nós o fundo de sentimento próprio que possuímos; e devo lembrar que se diz que o românico se prolongou, aqui e em Espanha, até ao século XV, mostrando-se que tal facto define a feição do país; mas, o românico avançou até ao próprio Manuelino, cuja decoração, expressão, etc., são românicas, nada havendo nêle de Renascimento ou greco-latino. ; O que renasce em Portugal é o românico! O próprio «barôco» nos revela a mesma característica: de exuberância e robustez que

o granito acentua, estando mais próximo do românico que do «barôco» francês! E, como rematando, diz: «a prova mais sugestiva da autonomia de uma nação é, a par da sua língua literária, a sua linguagem plástica. Portugal *falou sempre românico*, desde as origens da nacionalidade até aos fins do século XVIII. Será isto exagerado nacionalismo?»

A segunda parte da sua conferência foi acompanhada de projecções luminosas de belas chapas, entre as quais algumas de Marques Abreu, sempre distintas e perfeitas. O orador seguiu-as com algumas palavras explicativas, mostrando desta forma múltiplos e eloquentes exemplos das suas asserções.

E ante nossos olhos correram, num panorama esplêndido de Velha Arte — que, afinal, é sempre nova — as mais típicas igrejas francesas e portuguesas, num admirável cortejo disposto por mão de mestre: Moissac, Puy, Clermont-Ferrand, etc., e as nacionais Sé Velha de Coimbra, Sé de Braga, Travanca, S. Pedro de Rates, Ferreira, Font'Arcada, Bravães, Vilar de Frades e outras, que constituem, na rudeza e vetustez das suas pedras, o maior tesouro e o maior orgulho de quem sente e ama a arte de Portugal.

E porque me parece oportuno, e calhando certo, — mais por isso que por vislumbre de erudição, — aqui ponho, ao fechar da lauda, as palavras de Marcel Dieulafoy, na sua obra sobre a arte de Espanha e Portugal: «*Dieu veuille que les caractères ethniques des races ne s'effacent pas en même temps. L'univers deviendrait d'une monotonie désolante!*»

LUÍS DE PINA.